

Contribuições do biomédico no atendimento laboratorial e de imagem das pessoas autistas na perspectiva da medicina humanizada

Biomedical contributions to laboratory and imaging care for autistic people from the perspective of humanized medicine

Contribuciones biomédicas a la atención de laboratorio e imágenes para personas autistas desde la perspectiva de la medicina humanizada

Recebido: 08/10/2024 | Revisado: 14/10/2024 | Aceitado: 15/10/2024 | Publicado: 19/10/2024

Gislaine Soares Nunes

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9307-4766>
Universidade Cesumar, Brasil
E-mail: gisa_sn@hotmail.com

Márcia Bida

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5573-0322>
Universidade Cesumar, Brasil
E-mail: marcia-bida@hotmail.com

Michele Andressa Vier Wolski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0677-0626>
Universidade Cesumar, Brasil
E-mail: michele.wolski@uniceumar.edu.br

Resumo

A abordagem humanizada da biomedicina coloca o bem-estar e a dignidade dos indivíduos com autismo em destaque, levando em conta suas necessidades específicas e singularidades. Este estudo objetiva promover aos profissionais biomédicos a elucidação de possíveis abordagens para conduzir pacientes autistas durante exames laboratoriais e de imagens, com a finalidade de aprimorar suas competências e habilidades. A metodologia empregada consiste em uma pesquisa com abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica e descritiva. Foram incluídos 16 artigos que constituíram a fundamentação referencial e o cerne para a elaboração dos protocolos a serem seguidos para a realização dos exames laboratoriais e de imagens. Concluiu-se que, tendo em vista as particularidades dos pacientes autistas, a humanização no atendimento torna-se indispensável, bem como, a execução dos passos de protocolo, pois esta corresponde em uma sequência de estratégias adequadas para a condução desses pacientes, reduzindo o desconforto e ansiedade em exames laboratoriais e de imagem, destacando o papel do biomédico no desenvolvimento e execução dessas práticas, sendo responsável pela coleta de materiais biológicos e pela condução de exames de imagem.

Palavras-chave: Transtorno de Espectro Autista; Exames de Diagnóstico; Humanização da Assistência.

Abstract

The humanized approach to biomedicine emphasizes the well-being and dignity of individuals with autism, taking into account their specific needs and singularities. This study aims to promote the elucidation of possible approaches for managing autistic patients during laboratory and imaging exams, with the purpose of improving their skills and abilities, among biomedical professionals. The methodology used consists of a qualitative research approach, using a bibliographic and descriptive review. Sixteen articles were included, which constituted the reference basis and the core for the elaboration of the protocols to be followed for performing laboratory and imaging exams. It was concluded that, considering the particularities of autistic patients, humanization in care becomes indispensable, as well as the execution of the protocol steps, since this corresponds to a sequence of appropriate strategies for managing these patients, reducing discomfort and anxiety in laboratory and imaging exams, highlighting the role of the biomedical professional in the development and execution of these practices, being responsible for the collection of biological materials and conducting imaging exams.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Diagnostic Tests; Humanization of Assistance.

Resumen

El enfoque humanizado de la biomedicina pone de relieve el bienestar y la dignidad de los individuos con autismo, teniendo en cuenta sus necesidades específicas y singularidades. Este estudio tiene como objetivo proporcionar a los

profesionales biomédicos la elucidación de posibles enfoques para conducir a pacientes autistas durante exámenes de laboratorio y de imágenes, con el fin de mejorar sus competencias y habilidades. La metodología empleada consiste en una investigación con enfoque cualitativo, utilizando revisión bibliográfica y descriptiva. Se incluyeron 16 artículos que constituyeron la base referencial y el núcleo para la elaboración de los protocolos a seguir en la realización de exámenes de laboratorio y de imágenes. Se concluyó que, teniendo en cuenta las particularidades de los pacientes autistas, la humanización en la atención se vuelve indispensable, así como la ejecución de los pasos del protocolo, ya que esto corresponde a una secuencia de estrategias adecuadas para la conducción de estos pacientes, reduciendo el malestar y la ansiedad en los exámenes de laboratorio y de imágenes. Se destaca el papel del biomédico en el desarrollo y la ejecución de estas prácticas, siendo responsable de la recolección de materiales biológicos y de la realización de exámenes de imágenes.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Exámenes de Diagnóstico; Humanización de la Atención.

1. Introdução

O autismo é uma condição neurológica caracterizada por dificuldades de comunicação, relacionamento com as pessoas e o ambiente, sendo caracterizado por déficits persistentes na interação social e interesses repetitivos ou restrito. Esses sintomas estão no núcleo do transtorno, mas sua gravidade varia. Essas características podem ser observadas desde os primeiros anos de vida, mas sua trajetória inicial não é uniforme. Existem diferentes tipos de autismo, divididos em diferentes níveis e suporte. Cada indivíduo dentro do espectro apresenta um conjunto de sintomas e características, influenciando sua relação, expressão e comportamento (Araújo, et al., 2019).

Algumas das principais características do autismo incluem especificidades que podem estar presentes ou não, uma vez que cada indivíduo é único, porém são de extrema importância para o conhecimento dos biomédicos, a fim de identificá-los e estabelecer as melhores adequações no atendimento desses pacientes. Algumas dessas características relacionam-se a reciprocidade socioemocional, os comportamentos de comunicação não verbal utilizados para a interação social, dificuldades em desenvolver, manter e compreender relacionamentos, tais como a, dificuldade em ajustar o comportamento a contextos sociais diferentes, ausência de interesse por pares, padrões restritos e/ou repetitivos de comportamento e focos de interesses, estereotípias, ecolalia, padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, padrões de pensamento rígidos, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente, entre outros. Tais características geralmente estão presentes nas primeiras fases do desenvolvimento, embora possam não se tornar plenamente manifestos até que as interações sociais sejam necessárias, ou possam ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida, como é o caso de alguns já adultos (DSM-5 Tr, 2022).

As causas do autismo ainda não são totalmente conhecidas, mas há estudos que compreendem que a predisposição genética e fatores ambientais desempenham um papel importante no seu desenvolvimento (Coutinho & Bosso, 2015). Independentemente dos avanços científicos, embora sejam essenciais a compreensão do TEA (Transtorno do espectro autista) e dos indivíduos com TEA, fato é, que essas pessoas apresentam seus direitos, entre eles, “o tratamento adequado e contínuo para o autismo pode proporcionar maior inclusão social e a diminuição de sintomas que são exibidos pelo transtorno” (Brasil, 2012). Durante o atendimento e procedimentos na realização e condução de exames sejam eles laboratoriais ou por imagem, cabendo ao biomédico uma conduta ética, médica e social condizente, promovendo o bem-estar e o bom andamento dos procedimentos, otimizando a atividade, evitando que ela seja repetida ou demorada, a fim de gerar angústia ao paciente, cumprindo-se assim o disposto na Lei 12.764/2012, conhecida também como a Lei Berenice Piana (Brasil, 2012).

Portanto, esse estudo procurou responder a seguinte problemática: Se os futuros biomédicos irão atuar em laboratórios ou mesmo em imagem, como devem conduzir uma pessoa com autismo? Buscando possíveis respostas com o apoio da literatura científica, e assim, apresentar diretrizes para profissionais biomédicos ao lidar com pacientes autistas durante exames laboratoriais e de imagem.

Nesse contexto, a figura do biomédico é essencial pois tal profissional muitas vezes torna-se o agente facilitador para

a troca de informações e consequentemente de métodos que melhorem a efetividade e o conforto do paciente, haja vista que, a humanização dos procedimentos biomédicos é uma prática que visa não apenas o atendimento clínico, mas o conforto emocional e psicológico do paciente (Lima, Costa & Alves, 2015). No atendimento as pessoas com TEA, há desafios a serem vencidos em procedimentos tais como, a coleta de sangue ou a realização de exames de imagem, que frequentemente envolvem ambientes ruidosos e procedimentos invasivos (Klin et al., 2015). Estudos sugerem que práticas humanizadas que promovem a adaptação do ambiente clínico e a adoção de uma comunicação clara, sucinta e empática, podem contribuir significativamente para a redução do estresse e da ansiedade que possam ocorrer em pacientes autistas (Ne'eman et al., 2020).

Este artigo tem como objetivo elucidar as possíveis contribuições do biomédico no atendimento laboratorial e de imagem de pessoas com autismo, destacando a importância da abordagem humanizada. Além disso, busca descrever estratégias para adaptar os procedimentos clínicos a fim de minimizar o desconforto e a ansiedade desses pacientes durante os exames através de protocolos de conduta.

2. Metodologia

A metodologia científica empregada consistiu em uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa (Pereira et al., 2018), utilizando revisão bibliográfica integrativa (Mattos, 2015; Crossetti, 2012; Anima, 2014; Botelho, Cunha & Macedo, 2011). A revisão bibliográfica é baseada em estudos encontrados em bases de dados como SciELO, PubMed e Google Acadêmico, que corroboram a relevância de uma abordagem diferenciada e inclusiva para pacientes com TEA.

Foram utilizados, em português e inglês, as seguintes palavras de busca: “Transtorno do Espectro Autista”, “Humanização no atendimento à saúde”, “Exames laboratoriais em autistas”, “Exames de imagem em autistas”, “Biomédico e autismo”, “Humanização em exames laboratoriais”, “Abordagens para pacientes autistas em exames laboratoriais”, “Estratégias para atender pacientes autistas”, “Cuidados com pacientes com autismo”.

“Abordagem para exames em autista”, “Autismo e exames de saúde”, “Prática biomédicas em pacientes com TEA”. descritores “Características do Autismo”, “biomedicina humanizada”, “protocolos laboratoriais”, “atendimento à saúde do autista”, “Lei Berenice Piana”, “CID-11”, validados pelo DeCS. Sistematizando as pesquisas de autores com temas relacionados. A seleção dos artigos será baseada no título e resumo do trabalho, sendo realizada por dois revisores que atenderão aos critérios de inclusão e exclusão. Assim, desconsiderando os estudos relacionados a outra temática, ou publicações com mais de 10 anos. Além dos artigos foram incluídos dois manuais para complementar o estudo e contribuir para a formulação dos protocolos.

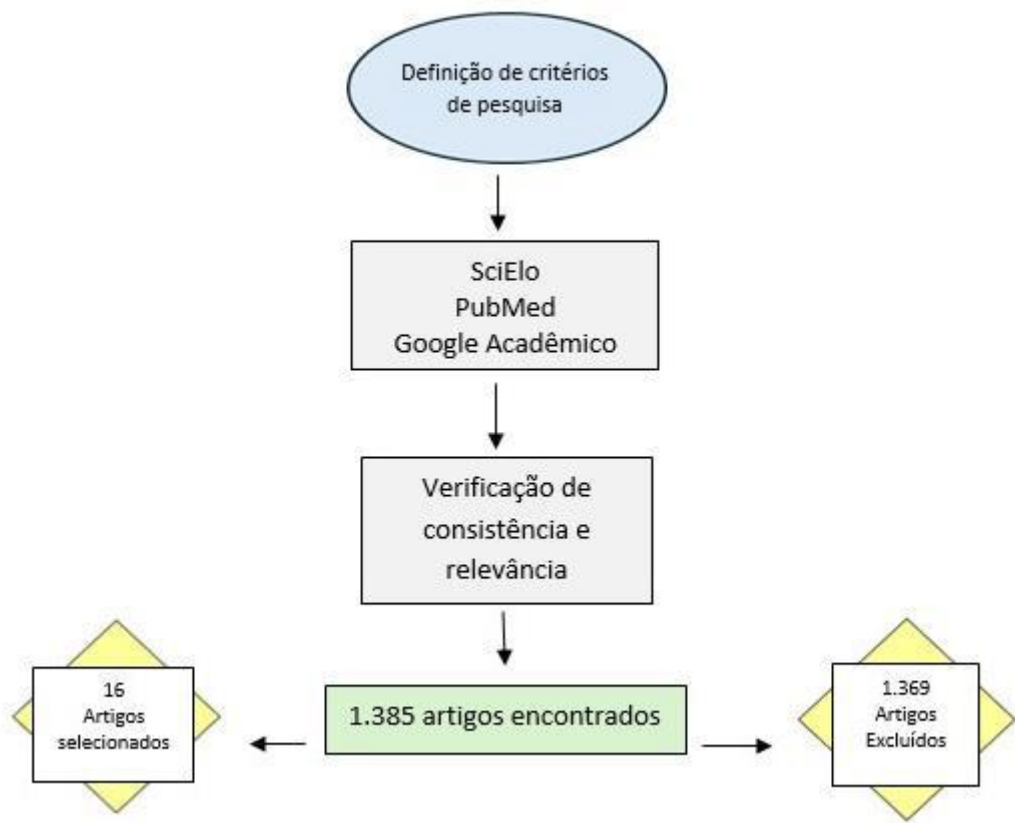
Os protocolos de conduta para o atendimento laboratorial e de imagens de pessoas autistas envolvem as seguintes descrições em suas etapas: Identificação das necessidades específicas dessa população pela revisão de artigos; definição das melhores práticas no atendimento a pacientes autistas; consulta as diretrizes de associações profissionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais (DSM-5 TR) para uma estruturação de protocolo com etapas claras e lógicas, como preparação antes do atendimento, durante e após; recomendação de técnicas de comunicação, adaptações no ambiente, incluindo adaptações sensoriais; descrição detalhada de cada procedimento, com instruções específicas sobre como lidar com possíveis reações do paciente; planejamento de FollowUp, para monitorar o bem-estar do paciente após procedimentos.

Para a organização e tabulação, os dados foram divididos em duas etapas de análise: na primeira, foi elaborada uma tabela com o título e resumo, na segunda etapa, foi realizada a leitura na íntegra e a síntese dos artigos para a produção dos resultados esperados.

3. Resultados

A busca de artigos juntando-se as três plataformas de pesquisa Google Acadêmico (997), PubMed (285) e SciElo (103) resultou em 1.385 artigos. Após a leitura e análise dos títulos e resumos foram selecionados 80 artigos, os demais foram eliminados por serem inconsistentes com o tópico de pesquisa, considerando os critérios de exclusão baseados na relevância, duplicidade e foco no tema. Posteriormente, com a leitura dos textos completos dos artigos selecionados, 16 artigos foram incluídos nesta revisão (Quadro 1). 1.369 artigos foram excluídos, pois não se enquadraram no critério para o plano de estudo. O fluxograma de seleção de publicações é mostrado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da seleção de artigos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Quadro 1 - Artigos selecionado e informações correspondentes.

AUTORES	ANO	TÍTULO	REVISTA	FONTE
Baron-Cohen, Leslie, A. M.; Frith, U.	2014	The Extrememe Male Brain Theory of Autism	Trends in Cognitive Sciences.	Pubmed
Ben-Sasson, A.; Cermak, S. A.; Orsmond, G. I., et al.	2014	Sensor y verresponsivity in elementar school: Prevalence and social-emotional correlates.	Journal of Abnormal Child Psychology .	Pubmed
Coulter, M. L., et al.	2018	Autism and Heath: A special report by Autism Speak.	Journal of Autism and Developmental Disorders.	Pubmed
Freitas, A. B.; Moura, T. R.	2020	Estratégias para o atendimento de pacientes autistas em ambientes clínicos: Uma revisão sistemática.	Revista de Medicina e Saúde Pública.	Google acadêmico

Gomes, M. M.; Nogueira, F. R.	2018	Humanização no atendimento em saúde: Perspectivas Teóricas e Práticas.	Saúde e sociedade.	SciELO
Howlin, P., Goode, S.; Hutton, J.; Rutter, M.	2014	Autism and intellectual disability: A review of Epidemiology and diagnosis.	Journal of Autism and Developmental Disorders.	Pubmed
Klin, A., et al	2015	Social and communication abilities in higher functioning individuals with autism.	Journal of Autism and Developmental Disorders	Pubmed
Lima, M. A.; Costa, L. M.; Alves, J. A.	2015	Humanização no cuidado a saúde: Um olhar sobre a experiência do paciente.	Revista de saúde pública.	SciELO
Mello, M. C.; Rocha, A. C.	2018	A Importância da Humanização no atendimento de saúde de pacientes com Transtorno no Espectro Autista.	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas.	Google acadêmico
Ne'eman, A., et al.	2020	The Imperative for a trauma-informed care model in Autism Spectrum Disorders.	Journal of Autism and Developmental Disorders.	Pubmed
Oliveira, R. M.; Santos, R. A.; Vieira, A. L., et al.	2019	Inclusão de pacientes com Transtorno do Espectro Autista nos serviços de saúde: Desafios e perspectivas.	Revista brasileira de educação especial.	SciELO
Pereira, F. L.; Gomes, R. C.	2021	A contribuição do biomédico no atendimento humanizado de pacientes com Transtorno no Espectro Autista.	Revista Brasileira de Ciências Biomédicas.	Google acadêmico
Santos, E. M.; Lima, R. C.	2017	Cuidados e Desafios no atendimento de saúde de pacientes com Transtorno no Espectro e Autista.	Revista de Saúde coletiva	Google acadêmico
Silva, L. F.; Almeida, R. C.; Teixeira, P. M., et al.	2021	Adaptações no ambiente hospitalar para pacientes com autismo: desafios e possibilidades.	Revista brasileira de enfermagem	SciELO
Silva, L. M.; Costa, R. C.; Santos, J. P.	2021	Adaptações no ambiente hospitalar para pacientes com Autismo.	Revista Científica Multidisciplinar.	Pubmed
Silva, P. A.; Almeida, L. F.	2019	Autismo e Saúde: Abordagens terapêuticas e desafios médicos.	Revista brasileira de saúde mental.	Google acadêmico

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

3.1 Protocolo De Conduta Para A Condução De Exames Laboratoriais E De Imagem Em Pacientes Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA)

O Protocolo em etapas visa estabelecer diretrizes para a condução de exames laboratoriais e de imagem em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), garantindo uma abordagem humanizada e adequada às necessidades desses indivíduos.

Etapa 1: Preparação Prévia ao Exame, consiste em informar a família e/ou o responsável sobre os procedimentos, duração, preparativos e o que será necessário durante o exame. Fornecendo instruções com recursos visuais (imagens, fotos, prancha de comunicação ou miniaturas) e linguagem simplificada, por meio de vídeos, ilustrações ou folhetos explicativos (Lima, Costa & Alves, 2015; Silva & Almeida, 2019; Freitas & Moura, 2020).

Etapa 2: Visitas de Familiarização, quando possível, agendar uma visita prévia ao ambiente clínico, permitindo que o paciente se familiarize com o local e com os profissionais que o atenderão. Durante a visita, o paciente pode conhecer os equipamentos e testar dispositivos não invasivos, como os fones de ouvido ou máscaras, que podem ser utilizados no exame (Silva & Almeida, 2019; Freitas & Moura, 2020).

Etapa 3: Reunião Prévia com a Equipe, o biomédico e outros profissionais envolvidos devem participar de uma reunião prévia para discutir as características e necessidades específicas do paciente autista (Baron-Cohen et al., 2014; Lima, Costa & Alves, 2015; Ne'eman et al., 2020).

Etapa 4: Recepção e Acolhimento, nesse momento é preciso manter a sala de espera com baixos níveis de estímulos sensoriais (iluminação suave, ausência de ruídos altos e decoração simples). Oferecer uma sala de espera isolada ou área menos movimentada, quando possível, para evitar sobrecarga sensorial. É importante que o tempo de espera seja minimizado, dessa forma, tudo que possa ser organizado pela equipe previamente para otimizar o tempo será de grande importância (Ben-Sasson et al., 2014; Mello & Rocha, 2018).

Etapa 5: Comunicação com o Paciente, utilizar recursos visuais, como quadros de tarefas, imagens ou vídeos, para explicar os procedimentos passo a passo, sempre que necessário. Evitar linguagem técnica ou abstrata, preferindo explicações diretas, concretas e curtas. Falar de forma calma e pausada, oferecendo tempo suficiente para que o paciente compreenda e responda. Aprimorar a sensibilidade para observar e interpretar sinais de desconforto ou ansiedade por parte do paciente, respeitando seus limites (Ben-Sasson et al., 2014; Mello & Rocha, 2018; Silva, Costa & Santos, 2021).

Etapa 6: Realização de exames laboratoriais, reduzir estímulos visuais e sonoros na sala de coleta (luzes fortes e sons de equipamentos devem ser minimizados). Garantir a presença de objetos de conforto, como brinquedos ou dispositivos sensoriais, quando solicitado pela família ou pelo paciente (Oliveira et al., 2019).

Etapa 7: Coleta, nessa etapa procurar evitar procedimentos repetitivos e garantir que a coleta seja realizada de forma rápida e eficaz, para minimizar o desconforto. Considerar o uso de anestésicos tópicos ou técnicas de distração para reduzir a dor e o desconforto durante a coleta de sangue (Santos & Lima, 2017; Pereira & Gomes, 2021; Silva, Costa & Santos, 2021).

3.1.1 Realização de Exames de Imagem

Seguir as Etapas 1, 2 e 3 já mencionadas, as mesmas para exame laboratorial.

Etapa 4: Adaptação do Ambiente, para exames que envolvam barulho, como a ressonância magnética, utilizar fones de ouvido com música calmante ou protetores auriculares. Caso o paciente necessite de contenção física, utilizar técnicas que garantam o máximo de conforto, explicando antecipadamente o motivo da contenção e sua importância (Klin, et al, 2015; Lima, Costa & Alves, 2015; Ne'eman et al., 2020).

Etapa 5: Exposição gradual, se possível, realizar uma simulação do exame antes do procedimento real para familiarizar o paciente com a máquina e o processo, sem que ele sinta a pressão imediata do exame (Howlin et al., 2014; Coulter, et al, 2018; Oliveira et al., 2019).

Etapa 6: Sedação ou Relaxamento, considerar o uso de sedação leve ou medicamentos ansiolíticos, quando indicados e seguros, após discussão com o médico e a família, para procedimentos longos ou desconfortáveis (Mello & Rocha, 2018; Silva, Costa & Santos, 2021).

Etapa 7: Presença da figura de confiança juntamente com Objeto de conforto, encorajar a presença de um familiar ou cuidador durante o exame, pois a figura de confiança pode proporcionar tranquilidade ao paciente, bem como, já mencionado acima, garantir a presença do objeto de conforto para facilitar o procedimento do exame por imagem. Orientar a família sobre como pode auxiliar na preparação e durante o procedimento, respeitando as instruções da equipe médica (Santos & Lima, 2017; Oliveira et al., 2019).

3.1.2 Protocolo de Condutas Pós-Exame

Etapa 1: Consiste em fornecer instruções pós-exame claras e visuais, quando necessário, para facilitar a compreensão do paciente e da família sobre os próximos passos (Ben-Sasson et al., 2014; Mello & Rocha, 2018; Silva, Costa & Santos, 2021).

Etapa 2: Observar o comportamento do paciente após o exame para identificar sinais de estresse ou desconforto. Se necessário, fornece orientações para manejo emocional (Santos & Lima, 2017; Oliveira, et al, 2019; Santos & Oliveira, 2020).

Etapa 3: Documentar as adaptações e estratégias utilizadas para o atendimento de pacientes com TEA, registrando as que tiveram maior sucesso, sugere-se realizar um planejamento de *FollowUp*, (planilha) para monitorar o bem-estar do paciente após procedimentos (Coulter, 2018; Pereira & Gomes, 2021; Silva, et al, 2021).

Etapa 4: Revisar e ajustar o protocolo regularmente com base no *feedback* de pacientes, familiares e da equipe biomédica, visando à constante melhora na qualidade do atendimento (Santos & Lima, 2017; Santos & Oliveira, 2020).

4. Discussão

A condução de exames laboratoriais e de imagem em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem diferenciada, a humanização do atendimento e a adaptação de práticas para atender às necessidades sensoriais e comportamentais desses pacientes. Neste contexto, o papel do biomédico é crucial, pois ele não apenas realiza os exames técnicos, mas também participa da criação de um ambiente acolhedor e acessível, pautado pela ética e pelas melhores práticas colaborativas (Baron-Cohen et al., 2014).

Ressalta-se aqui que a comunicação com pacientes autistas durante exames clínicos pode ser desafiadora devido à variabilidade das habilidades de comunicação e às particularidades sensoriais associadas ao TEA (Lima, Costa & Alves, 2015), a humanização no cuidado à saúde é uma prática essencial que deve ser incorporada na relação profissional/paciente, especialmente em pacientes que enfrentam desafios na comunicação e interação social (Gomes & Nogueira, 2018). A aplicação de métodos de comunicação visual, instruções claras e objetivas, e a utilização de técnicas de dessensibilização gradual, são fundamentais para garantir o sucesso do exame (Mello & Rocha, 2018). Estima-se que 1 em cada 160 crianças ao redor do mundo seja diagnosticada com TEA, o que torna essencial a adaptação dos serviços de saúde para melhor atender essas populações (World Health Organization, 2019).

A abordagem humanizada requer ainda a adaptação do ambiente clínico, reduzindo estímulos sensoriais (sons, luzes intensas) que podem causar sobrecarga em indivíduos com TEA (Ben-Sasson et al., 2014). O biomédico deve ser capaz de identificar os sinais de desconforto e ajustar a condução do exame em conformidade com as respostas do paciente, sempre respeitando seus limites.

A implementação de técnicas específicas para a condução de exames laboratoriais e de imagem em pacientes com TEA enfatiza a importância de estratégias personalizadas, como a realização de visitas prévias ao local dos exames, familiarização do paciente com os equipamentos e uso de técnicas de distração durante os procedimentos. Essas estratégias são eficazes para aumentar a colaboração do paciente durante o exame (Freitas & Moura, 2020). Ainda corroborando com essa ideia Silva e Almeida (2019) destacam que tais estratégias podem promover uma melhor aceitação dos exames por parte dos pacientes com autismo. Além disso, a pesquisa contínua e a revisão de protocolos específicos para o atendimento a essa população são essenciais para garantir melhorias constantes das práticas clínicas.

Nos exames de imagem, como a ressonância magnética, onde os pacientes podem ser expostos a ambientes mais claustrofóbicos e ruidosos, as adaptações devem ser ainda mais rigorosas, incluindo, entre outros, o uso de fones de ouvido, músicas tranquilizantes e sedação leve, se necessária. Em situações em que a contenção física é indispensável, essa prática deve ser realizada com o máximo de sensibilidade e respeito à dignidade do paciente, sempre explicando o procedimento para evitar reações negativas (Silva, Costa & Santos, 2021).

O biomédico desempenha um papel central na aplicação dessas práticas, ao integrar seu conhecimento técnico com um comportamento ético e colaborativo, contribuindo com toda a equipe envolvida no procedimento tanto dos exames laboratoriais como nos exames por imagem. A formação biomédica deve incluir o desenvolvimento de competências em comunicação e humanização, de forma a garantir que o profissional esteja apto a lidar com as particularidades de cada paciente

(Pereira & Gomes, 2021). Ressaltando que a ética na atuação biomédica se manifesta na capacidade de respeitar as limitações do paciente e adaptar o procedimento para promover o máximo de conforto (Howlin et al., 2014). Além das questões que envolvem a ética, a humanização da saúde, entre outros, há que se refletir quanto a capacitação dos profissionais da área da saúde e em particular dos biomédicos. Há lacunas e desafios a serem vencidos, portanto, é contundente que os cursos de formação em Biomedicina e áreas afins incorporem, cada vez mais, a capacitação em cuidados para pessoas com TEA, permitindo o biomédico aperfeiçoar técnicas de abordagem e condução, levando em consideração as particularidades desses pacientes (Santos & Oliveira, 2020).

A ética na prática do biomédico, também envolve o respeito à autonomia do paciente e o consentimento informado, elementos essenciais para garantir que os pacientes autistas ou seus responsáveis participem das decisões sobre os procedimentos. A abordagem colaborativa entre profissionais de saúde, famílias e cuidadores também é vital para garantir que o paciente receba o suporte necessário em todas as etapas do exame (Ne'eman et al., 2020). Pode-se dizer que a atuação do biomédico vai além da execução técnica dos exames, este profissional é responsável por mediar o contato direto com o paciente, estabelecendo uma relação de confiança e empatia através de uma postura ativa de escuta e de adequação às particularidades e especificidades de cada paciente (Santos & Lima, 2017).

Estudos indicam que abordagens individualizadas que respeitam as particularidades das pessoas com TEA, tais como, um ambiente acolhedor e adaptação do tempo e ritmo dos exames, podem contribuir para uma melhor experiência desses pacientes minimizando imprevistos comportamentais (Silva et al., 2021). Além disso a comunicação deve ser adaptada às suas necessidades, utilizando-se recursos visuais e linguagem simplificada, direta e objetiva (Oliveira et al., 2019). O biomédico, ao compreender essas especificidades, pode ajustar sua prática e adotar técnicas de dessensibilização gradual, garantindo uma experiência menos invasiva e traumática (Coulter et al., 2018).

5. Considerações Finais

A condução de exames laboratoriais e de imagem em pacientes com Transtorno do Espectro Autista exige uma abordagem humanizada e adaptada às necessidades específicas desse grupo. O biomédico, como profissional de saúde, tem papel central nesse processo, desde a preparação do ambiente até a comunicação eficaz e adaptada, colaborando diretamente para o bem-estar do paciente.

Estratégias como a familiarização prévia com o ambiente, a utilização de ferramentas visuais e a modificação do ambiente físico são exemplos de práticas que podem facilitar a realização de exames em pessoas com TEA. Mais do que isso, a humanização do atendimento contribui para a criação de uma relação de confiança e segurança, essencial para o sucesso dos procedimentos diagnósticos. Dessa forma, a formação e a sensibilização dos profissionais de saúde, em especial dos biomédicos, são fundamentais para promover um atendimento de qualidade e acolhedor a essa população. A individualização do atendimento e a empatia são pilares fundamentais para o sucesso dos procedimentos e para a melhoria contínua do cuidado de saúde.

A condução de exames laboratoriais e de imagem em pacientes autistas requer um conjunto de estratégias que priorizem a comunicação eficaz e a humanização do atendimento, aspectos indispensáveis para minimizar o estresse e garantir o sucesso dos procedimentos. A atuação do biomédico deve ser pautada pela ética e pelo desenvolvimento de abordagens colaborativas, que respeitem a singularidade de cada paciente e garantam um atendimento seguro e acolhedor.

As evidências presentes na literatura científica corroboram a importância de adaptar os procedimentos e os ambientes de saúde às necessidades dos pacientes com TEA. A humanização do atendimento é uma prática não apenas desejável, mas essencial para promover o bem-estar e a qualidade no cuidado desses pacientes.

Para futuros trabalhos, sugere-se a realização de estudos que investiguem a eficácia de diferentes abordagens humanizadas na condução de exames em pacientes com TEA, bem como o desenvolvimento e a avaliação de programas de formação continuada para profissionais de saúde. Além disso, é importante explorar a aplicação de tecnologias assistivas e de comunicação alternativa como ferramentas para melhorar a interação entre profissionais de saúde e pacientes com TEA. Investigações longitudinais que acompanhem os impactos das estratégias humanizadas ao longo do tempo também seriam valiosas para compreender melhor os benefícios duradouros dessas práticas. Por fim, estudos que envolvam a participação ativa dos pacientes e de suas famílias na co-criação de práticas e ambientes de saúde podem proporcionar insights relevantes para a personalização ainda mais eficaz do atendimento.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Referências

- Araújo, L. A., et al. (2019). *Transtorno do Espectro do Autismo. Manual de orientação do departamento científico de pediatria do desenvolvimento e comportamento, nº 05*. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf
- Baron-Cohen, S., et al. (2014). The Extreme Male Brain Theory of Autism. *Trends in Cognitive Sciences*, 6(6), 248-254. [https://doi.org/10.1016/s1364-6613\(02\)01904-6](https://doi.org/10.1016/s1364-6613(02)01904-6)
- Ben-Sasson, A., et al. (2014). Sensory over-responsivity in elementary school: prevalence and social-emotional correlates. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(5), 705-716. <https://doi.org/10.1007/s10802-008-9295-8>
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão E Sociedade*, 5(11), 121-136. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Brasil. (2012). Lei n.º 12.764/2012. Lei Berenice Piana. Decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República. *Diário Oficial da União*, Brasília em 27 de dezembro de 2012.
- Coulter, M., et al. (2018). Autism and health: A special report by Autism Speaks. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. PubMed. <https://www.autismspeaks.org/science-news/autism-and-health-special-report-autism-speaks>
- Coutinho, J. V. S. C., & Bosso, R. M. V. (2015). Autismo e genética: uma revisão de literatura. *Revista científica do ITPAC*, 8(1), Pub.4.
- Crossetti, M. G. M. (2012). Revisión integradora de la investigación en enfermería el rigor científico que se le exige. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 33(2), 8-9.
- DSM-5 TR. (2022). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. <https://pebmed.com.br/american-psychiatric-association-apa-publica-atualizacao-do-dsm-5/>. Acesso em 13 de março de 2024.
- Gomes, M. M., & Nogueira, F. R. (2018). Humanização no Atendimento em Saúde: Perspectivas Teóricas e Práticas. *Revista Saúde e Sociedade*. SciELO.
- Howlin, P., et al. (2014). Autism and intellectual disability: A review of epidemiology and diagnosis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 44(6), 1507-1523. <https://doi.org/10.1007/s10803-013-1970-6>
- Klin, A., et al. (2015). Social and communication abilities in higher functioning individuals with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(12), 4081-4093. <https://doi.org/10.1007/s10803-013-2018-6>
- Lima, M. A., et al. (2015). Humanização no cuidado à saúde. *Revista de Saúde Pública*, 49, 90. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049006211>
- Lima, M. A., Casta, L. M., & Alves, J. A. (2015). Humanização no cuidado à saúde: um olhar sobre a experiência do paciente. *Revista de Saúde Pública*, 49, 91. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049006212>
- Mello, M. C., & Rocha, A. C. (2018). A importância da humanização no atendimento de saúde de pacientes com transtorno do espectro autista. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 45-55. <https://doi.org/10.5935/1678-1578.20180006>
- Ne'eman, A., et al. (2020). The imperative for a trauma-informed care model in autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 50(4), 1202-1213. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04309-3>
- Oliveira, R. M., et al. (2019). Inclusão de pacientes com transtorno do espectro autista nos serviços de saúde. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(2), 271-288. <https://doi.org/10.1590/S1413-653825192018>
- Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.
- Pereira, F. L., & Gomes, R. C. (2021). A Contribuição do Biomédico no atendimento Humanizado de pacientes com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Ciências Biomédicas*, 37(3), 321-330. <https://doi.org/10.1590/S1517-31512021000300009>

Santos, E. M., & Lima, R. C. (2017). Cuidados e desafios no atendimento de saúde de pacientes com transtorno do espectro autista. *Revista de Saúde Coletiva*, 27(1), 75-86. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000100009>

Santos, J. R., & Oliveira, F. M. (2020). Desafios da assistência a pacientes Autistas no serviço de saúde: A visão dos profissionais. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(2), e00162019. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00162019>

Silva, P. A., & Almeida, L. F. (2019). Autismo e saúde: abordagens terapêuticas e desafios médicos. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, 11(1), 34-45. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692019000100005>

Silva, L. M., et al. (2021). Adaptações no ambiente hospitalar para pacientes com autismo. *Revista Científica Multidisciplinar*, 8(3), 56-65. <https://doi.org/10.1590/S1517-31512021000300009>

Silva, L. M., Costa, R. C., & Santos, J. P. (2021). Adaptações no ambiente hospitalar para pacientes com autismo. *Revista Científica Multidisciplinar*, 8(3), 66-75. <https://doi.org/10.1590/S1517-31512021000300010>

World Health Organization. (2019). *Autism spectrum disorders*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>.